

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 1
(JAN-JUN)
2016
PP. 34-49

HISTÓRIA DA PARAÍBA NOS LIVROS DIDÁTICOS:

PASSADO E PRESENTE, MEMÓRIA E HISTÓRIA

(PARAÍBA HISTORY IN TEXTBOOKS: PAST AND PRESENT, MEMORY AND HISTORY)

ME. SILVANO FIDELIS DE LIRA

Professor da Rede Municipal de Cubati-PB

silvanohistoria@gmail.com

RESUMO: Este texto traz a análise três livros didáticos de História, especificamente, livros que trazem uma discussão sobre a História da Paraíba. Optou-se por uma análise de livros escritos em temporalidades distintas e autores diferentes, busca-se nesses materiais a forma como a História do estado da Paraíba é escrita/narrada, que personagens compõem essa história? Que fontes são utilizadas? Quais os recursos que os autores utilizam para “cativar” alunos? Para tentar responder essas questões penso duas relações que o livro didático deve apresentar, sendo elas a relação entre passado e presente, e a relação memória e história. Essa discussão se dá a partir de autores como Maurice Halbwachs (2004) que nos proporciona pensar a relação da coletividade com a memória, e Michel de Certeau (2011) que nos mostra como a História é escrita, tornando-se uma sepultura da memória. Além destes utilizamos também, outros autores que nos ajudam a pensar a educação e o livro didático enquanto artefato do fazer pedagógico no ensino de História.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Livro Didático; História da Paraíba.

ABSTRACT: This text contains the analysis three textbooks of history, specifically, books they bring a discussion of the history of Paraíba. We chose an analysis of books written in different time frames and different authors, we seek to these materials the way of

Paraíba State History is written/narrated that characters make up this story? What sources are used? What resources do the authors use to "engage" students? To try to answer these questions I think two relationships that the textbook should present, these being the relationship between past and present, and the relationship memory and history. This discussion takes place from authors such as Maurice Halbwachs (2004) which gives us think about the relationship of the community with memory, and Michel de Certeau (2011) that shows us how history is written, making it one had buried the memory. Apart from these we also use other authors that help us think about education and the textbook as an artifact of the pedagogical practice in the teaching of history.

KEYWORDS: History teaching; Textbook; History of Paraíba.

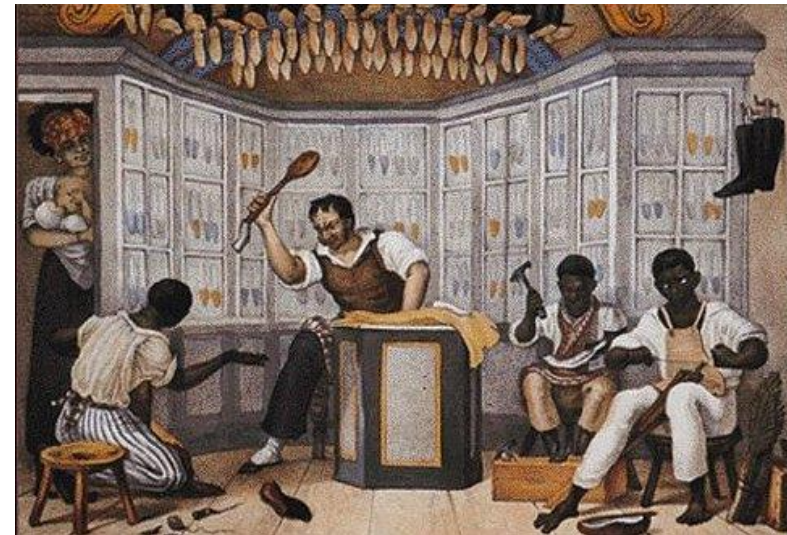
HISTÓRIA DA PARAÍBA NOS LIVROS DIDÁTICOS: PASSADO E PRESENTE, MEMÓRIA E HISTÓRIA
DE SILVANO FIDELIS DE LIRA

“Não gosto do livro de História, o que tem nele não se parece nada comigo.”

Talvez esse texto seja filho da frase acima. Não se configura como uma resposta ou ao prosseguimento de um debate, queria que ele fosse muito mais a resposta às minhas próprias angústias enquanto professor, preocupado com a relação que existe entre o Ensino de História e a vida do aluno. Relação esta que se encontra – a meu ver – marcada por conflitos, negligências, exclusões. Quem se identifica com os conteúdos dos livros didáticos de História? Que encontra sua história presente nas páginas dos livros?

Um exercício que faço anualmente ao iniciar minhas aulas é perguntar aos alunos como eles se entendem como personagens históricos, como eles se veem dentro de uma dinâmica social, cultural e política no mundo atual. As respostas são as mais diversas possíveis, contudo, a maioria delas é a negação de si enquanto sujeito histórico. Isso se dá porque faltam referências na História que tenham alguma semelhança com a vida dos alunos. O aluno negro dificilmente – ou nunca – se identificará com as clássicas imagens do negro presente nos livros de História. Os negros escravizados são geralmente associados ao trabalho e a

violência. Uma parte dos livros didáticos destaca a resistência dos negros como forma de negação ao cativeiro. Mas, é preciso ressaltar, a escravidão, a violência – física e simbólica – parece ser mais importante que a resistência.



Loja de Sapateiro
Aquarela de Jean Baptiste Debret 1820/1830
Disponível em <http://historiahoje.com/wp-content/uploads/2013/11/sapateiro.jpg>.
Acesso em 13/01/2016.

As aquarelas de Jean Baptiste Debretⁱⁱ são muito utilizadas nas ilustrações dos livros didáticos, por representarem o cotidiano do Brasil no período colonial, são geralmente utilizadas para compor vários materiais didáticos, mas aparecem desprovidas de qualquer discussão sobre o autor ou o contexto histórico em que foram pintadas. São ilustrativas. Não passam disso. Essas imagens ligadas à exploração da força de trabalho cria no aluno certo desconforto em trabalhar o tema. Como falar de escravidão para um aluno negro? Como se referir a uma memória que mesmo atualmente parece está escrita na pele de cada criança, de cada jovem?

Questões como essa me fazem pensar em suas perguntas, que deve ser partilhada por vários colegas docentes. O que é o livro didático? Como usá-lo? As perguntas, certamente, são de difícil resposta. Mas acredito que o livro didático é um conjunto de saberes selecionados, respaldados a partir do currículo, portanto, fazem parte daquilo que *se quer ensinar*. O livro didático é uma imposição, que nem sempre faz parte da realidade social, cultural e política de uma escola, ou de um grupo. Para alguns professores eles são um depósito do saber, um manual a ser seguido integralmente. Lido, relido, mas não problematizado. O

aluno tem essa mesma impressão, ele percebe o material didático como um saber pronto, que ele deve aprender (decorar).

Renilson Rosa Ribeiro (2007) reforça essa observação ao nos mostrar que:

Os livros didáticos, dentro da história do livro e dos saberes escolares, são considerados um depositário dos conteúdos tidos como “universais”, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos apresentados pelos programas curriculares das diferentes disciplinas escolares; é por intermédio dele, dentre outros meios, que são passados os conhecimentos e técnicas considerados fundamentais de uma sociedade em determinada época (p, 41).

Pensar o livro didático enquanto um depositário de conteúdos é o que geralmente acontecem em nossas escolas. Ele é sim um conjunto de saberes, mas que precisam ser problematizados, questionados e postos em debate com os alunos. Perguntar o que é o livro demanda um conjunto de reflexões. Uma delas é pensar

o livro didático enquanto um construto social baseado numa relação de saber-poderⁱⁱⁱ é uma produção cultural localizada numa dada temporalidade e em uma territorialidade. Cada livro tem muito a dizer da sociedade que o escreve e que o utiliza. O livro didático de História faz parte daquilo que John Rüsen (2007, p, 121) chama de “Cultura Histórica”, ou seja, um *“campo de interpretação do mundo e de si mesmo, pelo ser humano, no qual devem efetivar-se as operações de constituição do sentido da experiência do tempo, determinantes da consciência histórica humana”*.

Mais importante do que o questionamento sobre o que é o livro didático é se perguntar como ele é utilizado. Será que continuamos a usar o livro didático como um manual de conteúdos a serem ministrados durante o ano letivo? Será que a forma como trabalhamos os conteúdos do currículo escolar produz algum efeito no aluno? Muitos professores acham que para se exercer bem a sua função é preciso ministrar todos os conteúdos o livro, alguns se preocupam, inclusive, em resumir, em juntar dois capítulos com assuntos semelhantes para conseguir esgotar a lista de assuntos. Acredito que isso seja fruto das imposições a que o professor está submetido.

Essas imposições limitam, mutilam e violentam a prática docente. Pois, reféns de uma educação baseada em manuais o professor é impedido, muitas vezes de produzir um conhecimento que tenha relação com a vida do aluno. Os livros didáticos de história produzem silenciamentos de Gênero (ANDRADE, 2006), sobre o mundo rural (LIMA, 2014), sobre as camadas populares (DAVIES, 2002) dentre tantos outros. Por esse motivo não pode ser tomado como algo pronto, que se dá a ler para que o aluno compreenda o que é História. Tão importante como pensar o que o livro diz é pensar o que ele não diz.

Portanto, ao utilizar o livro didático de História, o professor deve percebê-lo como um campo de lutas simbólicas, deve fomentar nos alunos o questionamento. Evidentemente que não estou dando, e nem conheço, uma fórmula para a prática pedagógica nas aulas de História, o que aponto aqui são caminhos trilhados por mim mesmo, experiências cotidianas. As experiências que os alunos trazem de fora da escola são ferramentas valiosas para se usar o livro didático. O saber não é algo exclusivo da escola, nem do livro.

Criar, no Ensino de História, uma relação entre o passado e o presente não é uma preocupação nova. Nem muito menos deixa de inquietar pesquisadores e os

professores. Poderíamos pensar a partir de Lucien Febvre (1953) é um dos autores que nos ajudam a entender que a história, e seu ensino, não é um amontoado de fatos desconexos, respondendo a interesses do presente. Para que a História seja compreendida em suas relações entre passado e presente, o estabelecimento de relações entre o passado e o presente não é apenas uma pretensão das sequências didáticas, ele está presente, mais ou menos visível, em toda fala sobre fatos do passado, em toda relação estabelecida entre os fatos e acontecimentos históricos. Falar de preconceito e de racismo, por exemplo, não mais um domínio exclusivo do século XIX, no Brasil, esses fenômenos podem ser observados no dia-a-dia, nas novelas, nos programas de televisão ou nas redes sociais. Esses mecanismos de informação podem levar o aluno a ligarem passado e presente, identificando as semelhanças e as disparidades.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de História determinam que as aulas de conteúdos de História devem proporcionar ao aluno um posicionamento “diante e fatos presentes a partir da interpretação de suas relações com o passado.” (PCN, 1998, p. 55). Essa proposta faz parte de um conjunto de ações que devem ser estabelecidas para que os

conteúdos de História esteja mais próximos da vida prática do aluno. De nada serve um saber que não diz de/sobre a nossa realidade.

Para se pensar a relação dos livros didáticos no ensino de História, me detive a análise de três livros voltados para o 4º/5º ano, ambos publicados entre 2009 e 2014, ou seja, em um intervalo de cinco anos. Os livros abaixo ressaltam a importância de se construir um conhecimento sobre o estado, sobre a identidade local e a cultura.

Nº	Título	Autores	Ano de Publicação/Editora
1	Paraíba: meu passado, meu presente.	Iranilson Oliveira Catarina Oliveira	2009/Editora Base Livros Didáticos
2	História da Paraíba (História Regional).	Irene Rodrigues da Silva Fernandes	2011/Editora Grafset
3	Estado da Paraíba: sua terra, seu espaço, seu povo.	Gislaine Azevedo Reinaldo Seriacopi	2014/Editora Scipione

Quadro 1: Livros didáticos analisados

À primeira vista uma coisa chama a atenção, os autores dos livros 1 e 2 tem formação e atuação profissional em instituições de ensino superior da Paraíba, ao passo que os autores do livro 3 são formados em unicidades de São Paulo, isso é de grande importância para pensarmos de onde estes autores escrevem, o lugar social que estes ocupam. Quanto a formação, os autores dos livros 1 e 2 possuem formação em História, os autores do livro 3, um deles possui formação em História e autora em Letras. São aspectos exteriores que devem ser levados em conta durante o trabalho no Ensino de História.

Para pensarmos a relação que deve ser construída entre o passado e o presente nas aulas de História, os livros 1 e 2 são muito mais interessantes para uma aula de história, claro que aqui está explícita minha observação pessoal. O livro 1 já chama atenção por seu título, *Paraíba: meu passado, meu presente*, cria no aluno uma certa empatia pela História. O passado torna-se não algo distante, de outros, mas é **meu**, o aluno passa a ser dono de alguma coisa, então, pode manipulá-lo, pode até mesmo brincar com ele. Tal como o passado, o presente também lhe pertence, está a seu serviço.

Além de ser atrativo pelas imagens e disposição das imagens o livro apresenta uma discussão

aprofundada do tema a partir da explicação dos conceitos utilizados. O livro de Iranilson Oliveira e Catarina Oliveira apresentam no decorrer dos capítulos imagens e fotografias das cidades paraibanas, bem como imagens do dia-a-dia do povo paraibano, mas não apenas de pessoas ligadas aos grandes centros urbanos, provavelmente, mas trazem imagens da vegetação e de trabalhadores do interior, realidades com as quais os alunos se identificam facilmente, as crianças que carregam água na carroça de burro (p, 69) são imagens que fazem parte da realidade de muitos alunos que estudam por esse livro. A vegetação da caatinga se torna conhecida a partir das experiências vividas por cada um.

A organização do material proporciona um trabalho diversificado sobre o tema, pois não obedece uma linearidade rígida, mas permite uma história aos saltos (BENJAMIN, 2012), o livro 1 apresenta 17 capítulos, dispostos em 4 eixos temáticos, a saber:

Eixo 1 – A construção da história local;

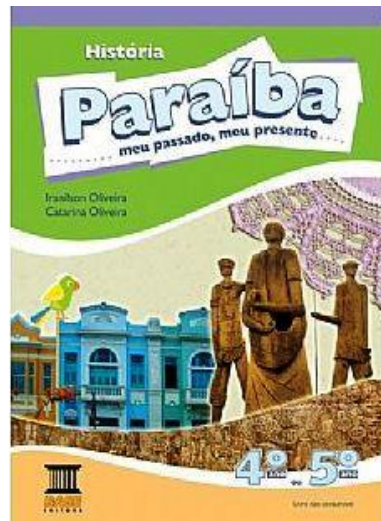
Eixo 2 – Cotidiano e cultura do trabalho;

Eixo 3 – Família e vida doméstica;

HISTÓRIA DA PARAÍBA NOS LIVROS DIDÁTICOS: PASSADO E PRESENTE, MEMÓRIA E HISTÓRIA DE SILVANO FIDELIS DE LIRA

Eixo 4 – Práticas culturais paraibanas.

A divisão em eixos temáticos tem sido uma estratégia utilizada por muitos autores de livros didáticos, eles reúnem assuntos que apresentam certa semelhança ou que podem serem trabalhados em diálogo com os demais. Percebe-se que os alunos encontram maior proximidade do assunto com a sua realidade quando os livros apresentam conteúdos interligados, nesse caso vários elementos do livro produzem um encantamento no aluno, por exemplo, a



presença de lendas, causos e narrativas que fazem parte da identidade do povo paraibano. O livro *Paraíba: meu passado, meu presente* ao apresentar temas históricos colabora para que o aluno compreenda a relação entre a História e a Memória, dois conceitos antagônicos (NORA, 1993), que na medida em que a

História deve ser aprendida eles se tornam próximos. É impossível ensinar História sem que o aluno tenha uma boa compreensão do que é a Memória e de como ela atua na formação da identidade, individual e coletiva.

Maurice Halbwachs (2004) ao pensar a memória a partir de quadros sociais, apresentará considerações sobre o tema que se tornam importantes até hoje, para ele, assim como para Pierre Nora, História e Memória são distintas, a primeira é o conhecimento acadêmico, preso aos crivos de especialistas, ao passo que a memória é livre e inventiva, faz parte da subjetividade

humana e, portanto, pode “ir e vir”. Trabalhar no Ensino de História as brincadeiras antigas, as tradições religiosas e as narrativas de família, por exemplo, é algo que pode modificar o ensino, que pode estreitar os laços de diálogo entre a vida e os acontecimentos do passado. O livro, *História da Paraíba: história regional* da professora Irene Rodrigues da Silva Fernandes é também voltado para alunos de 4º



HISTÓRIA DA PARAÍBA NOS LIVROS DIDÁTICOS: PASSADO E PRESENTE, MEMÓRIA E HISTÓRIA
DE SILVANO FIDELIS DE LIRA

e 5º ano do Ensino Fundamental e apresenta uma proposta mais sintética, em apenas quatro unidades:

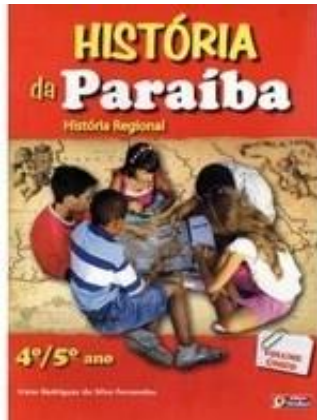
Unidade I – Muitas lembranças... Uma História?;

Unidade II – Na trilha dos primeiros tempos;

Unidade III – Paraíba: um estado de muitos tempos;

Unidade IV – Administração, cultura e cidadania.

A estrutura e organização do livro 2 lembra em muitos pontos a apresentada pelo livro 1. Apresenta discussão acerca de conceitos históricos, utiliza uma grande quantidade de imagens e fotografias referentes a elementos da identidade paraibana e promove em vários pontos a relação entre passado/presente e sobre história/memória. Uma coisa que chama a atenção é a discussão que a autora estabelece sobre a noção de



tempo, sabemos que esta é umas grandes dificuldades dos professores do ensino fundamental. A partir de quadrinhos a autora leva os alunos a questionarem-se sobre o que é o antes, o depois e o quando, após isso ela apresenta as várias formas de quantificar o tempo, como por exemplo, os vários tipos de e o relógio.

Outro ponto que merece destaque é que o livro 2 é um dos poucos que apresentam conteúdos referentes à história dos povos afrodescendentes, um tema que é de grande importância para educação brasileira, sobretudo após a Lei 10. 639/2003^{iv}. Na página 83 o livro traz um mapa com os Municípios com presença de comunidades quilombolas no estado da Paraíba^v, mas além de apresentar o mapa dos Quilombos na Paraíba a autora ainda oferece alguns textos explicativos para que o aluno compreenda como é formada a cultura e a identidade dos afro-brasileiros.

Seguindo aquilo que é proposto por Maurice Halbwachs (2004), a autora trabalha em seu livro com símbolos, brasões, bandeiras e outros signos que fazem parte do que poderíamos chamar de memória oficial do Estado, uma memória cristalizada nesses símbolos e que fazem parte da memória coletiva, não se trata de um descompromissado trabalho com os símbolos oficiais, mas, há uma discussão, uma tentativa de compreendê-

los dentro de um contexto nacional, em que símbolos foram construídos para a consolidação da memória oficial.

O livro 2 finaliza com uma apresentação sobre cultura local e outros pontos. Com o título *Administração, cultura e cidadania* o aluno pode estudar as principais comemorações do estado, cantigas, brincadeiras, bem como as especificidades do povo paraibano em relação ao Nordeste e ao Brasil. Falar em cidadania para alunos do ensino fundamental é tão complicado quanto trabalhar as diferentes noções de tempo, o professor precisa de um bom aparato teórico e de materiais didáticos sobre o assunto, Irene Rodrigues parte do dia-a-dia, de acontecimentos cotidianos e que podem ser partilhados por todos, dessa forma ela leva o aluno a compreender que, em síntese, é a participação de cada sujeito, buscando o bem-estar de toda a sociedade. No decorrer do livro 2 há uma constante preocupação de interlocução entre passado e presente, o conhecimento histórico torna-se algo próximo, reconhecível nas experiências individuais dos estudantes.

O livro 3, como já dito anteriormente, não foi produzido unicamente por historiadores, um professor de letras divide a autoria. O livro apresenta oito

capítulos, sobre os conteúdos percebe-se que existem grandes diferenças, a discussão dos conteúdos é mais densa, há uma menor presença de imagens, existe uma pouca quantidade de contos, lendas, cantigas e de outros elementos da cultura local.

Os autores iniciam com capítulo sobre os conceitos necessários ao conhecimento histórico, tais como, tempo, fontes, espaço etc. uma coisa incomum aos demais livros aqui discutidos é que o livro 3 tem uma importante contribuição que é um debate sobre os primeiros habitantes. Um dos problemas do livro é exagerar na contextualização, em determinados momentos a História da Paraíba fica reduzida a uma pequena parcela em relação ao Brasil.

Ao falar das lutas na Paraíba – o texto não deixa claro que lutas são essas – o texto passa a discutir a presença dos afrodescendentes a partir de dados censitários de 2010. Novamente no esforço de contextualização do tema os autores esmiúçam os acontecimentos a nível nacional e reservam um pequeno espaço para mostrar o que aquilo tem haver com a História da Paraíba. Com isso não quero desmerecer o esforço de contextualização dos temas em História, mas mostrar que é uma das armadilhas a que nós, professores, estamos vulneráveis.

Compreendo que contextualizar não é somente reunir assuntos semelhantes de maneira a criar diálogo entre realidades distintas e uma mesma situação, seu sentido é bem mais amplo, é uma oportunidade em que o aluno pode expor seus conhecimentos, em que ele pode problematizar situações do passado com questões do presente, por exemplo.

O encadeamento de ideias e as suas múltiplas relações com outras realidades constituem oportunidade de aprendizado que, ao serem mediadas pelo livro didático, podem criar possibilidades para o aprendizado da História em que os alunos desenvolvam sua capacidade crítica frente as mais variadas situações da vida. Essa maneira de pensar é partilhada por ESTEVES & RODRIGUES (2012) defendem que a contextualização dos temas de História auxilia o aluno a problematizar situações de sua vida através de uma relação entre o passado e o presente.

A contextualização consiste então “em apresentar o conteúdo por meio de uma situação problemática; numa forma de argumentação ou de encadeamento de ideias a partir do estabelecimento de relações mútuas e de influências recíprocas entre as partes e o

todo de um conteúdo abstrato; em utilizar o universo do aluno para construir um novo saber; em integrar os conhecimentos obtidos nas diferentes disciplinas curriculares”. Nesta linha de pensamento, a função do professor é significativamente servida por estratégias que retiram a exclusividade à transmissão do saber, sendo substituída pela mobilização, criação e problematização de situações do cotidiano do aluno (situações de ordem pessoal, local, nacional, planetária) que sustentem a procura de sentidos para o conhecimento a ser adquirido no espaço escolar, permitindo, ao mesmo tempo, que os alunos possam desenvolver competências respondendo com o saber escolar a situações problema propostas durante o processo de ensino e de aprendizagem (p, 139-140).

Ao analisar os livros didáticos de História, além de estar preocupado com a organização do material, com a disposição dos textos e imagens, bem como com o trabalho de discussão conceitual proposto pelos

autores, preocupei-me em perceber como estes criam um diálogo sobre a História e a escrita. Partindo do pensamento de Michel de Certeau (2011) compreendemos que a História é um conhecimento que sepulta a memória num ato de escrita. Escrita que não pode ser feita por “qualquer um”, mas por pessoas que ocupam um lugar social dentro dos cânones acadêmicos.

Mas em que isso implica nos livros didáticos de História da Paraíba? O que as regras da escrita da História teem a nos dizer sobre a prática pedagógica? Ora, ao iniciar um trabalho com alunos do ensino fundamental uma das preocupações dos professores é fazer com que eles compreendam que a História é um conhecimento baseado em documentos, em fontes, em vestígios, mas que passa pela mente humana, é produto do intelecto humano e por isso serve a interesses sociais, políticos, econômicos e culturais: “Cada nação conta uma história diferente. O que é guerra de libertação para uma é opressão para outra” (PINSKY, 2012).

A História não é um mero conhecimento, é, em muitos casos uma arma. Ao elencarem conteúdos para a História da Paraíba, os autores elegem um conjunto de fatos, narram, cada uma sua maneira e criam as bases

para a identidade paraibana que cada aluno construirá ao longo do aprendizado. Criar diálogo entre a cultura e a historicidade do lugar onde se vive é uma forma de fazer com que o aluno possa ver sua realidade com outro olhar. O Nordeste não é melhor do que o Sudeste, e nem o contrário, mas um aluno que aprende sobre o outro e não sobre si mesmo, será uma criança que não se identifica, que não se reconhece como membro de um grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Não quis fazer uma crítica de nenhum dos livros apresentados, quis tão somente traçar considerações sobre os usos desses materiais didáticos a partir de minha própria experiência docente, em que me deparo com realidades de gosto, ou desgosto, pela História. Por assuntos que muitas vezes parecem distantes da vida de meus alunos, e que se tornam diálogo a partir da conversa, da relação entre o passado e o presente, entre a História e a memória, marcada pelas experiências individuais.

Não seria honesto finalizar sem reconhecer o valor e a importância dos livros Didáticos para o ensino

de História. Estes são, muitas vezes, o único material a que professores e alunos têm acesso, e percebo isso todos os dias, sobretudo nas escolas mais carentes. Livros e autores são importantes na medida em que despertam em nós, professores, a vontade de ensinar cada vez melhor. O desejo é que os materiais didáticos sejam cada vez melhores, e os professores também.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Andreza Oliveira. Educação, currículo e conhecimento histórico escolarizado: notas sobre a construção das identidades de gênero. **Saeculum – Revista de História**, ano 12, n. 15. Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jul./dez. 2006, pp, 97-107.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da História. In: _____. **O anjo da história**. Trad. e org. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, pp, 8-20.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DAVIES, Nicholas. As camadas populares nos livros de História do Brasil. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. 14 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, pp, 121-138.

ESTEVES, Manuela; RODRIGUES, Ângela. Exames Nacionais e Contextualização no Ensino da História. **Revista Interacções**, nº 22, 2012, pp, 135-162. Disponível em <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/download/1539/1230>. Acesso em 17/01/2016 às 11hs13min.

FEBVRE, Lucien. **Combats pour l'histoire**. Paris: Armand Colin, 1953, p. 437.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

LIMA, Damião. Cultura Histórica, Livro Didático e o “esquecimento” do mundo rural brasileiro no pós 1930. In: OLIVEIRA, Carla Mary S.; MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro (Orgs.). **Cultura Histórica e Ensino de História**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, pp, 183-206.

Recebido em: 18/01/2016

Aprovado em: 18/05/2016

Publicado em: 30/07/2016

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. 14 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

RIBEIRO, Renilson Rosa. Livros Didáticos de História: trajetórias em movimento. In: JESUS, Nauk Maria de; CEREZER, Osvaldo Mariotto; RIBEIRO, Renilson Rosa. (Orgs.). **Ensino de História: trajetórias em movimento**. Cáceres-MT: Editora Unemat, 2007, (p, 41-56).

RÜSEN, John. **História viva**: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UNB, 2007.

NOTAS

ⁱ A frase foi dita por um aluno do 9º ano durante a aula de História.

ⁱⁱ **Debret** foi selecionado pela Revolução Francesa para o curso de engenharia, o qual frequentou durante cinco anos. Todavia, o grande prazer de sua vida era a pintura, para a qual retornou logo em seguida. Suas obras se tornaram cada vez mais conhecidas e muitos prêmios foram conquistados, especialmente com as telas financiadas pelo próprio Napoleão Bonaparte. A queda de Napoleão foi impactante também para os artistas neoclássicos. Paralelamente, Jean-Baptiste Debret ficou muito abalado após perder um filho com apenas 18 anos. Foi nesse período que o pintor foi convidado para uma missão artística, chefiada por Joachim Lebreton, que viria ao Brasil a pedido de Dom João VI, príncipe regente do trono português. Debret aceitou o desafio e chegou ao território brasileiro no dia 26 de março de 1816 com a missão de criar as bases de uma Academia de Belas Artes. **O pintor** viveu durante 15 anos no Brasil e desenvolveu uma intensa relação pessoal e emocional com o território brasileiro. Seu trabalho é considerado de grande importância para o Brasil na medida em que se dedicou a retratar o cotidiano e a sociedade do século XIX, especialmente no Rio de Janeiro. Mesmo sendo considerado um pintor neoclássico, aluno e seguidor de seu primo David, Debret está numa posição de transição entre o neoclassicismo e o romantismo. Suas representações dos indígenas apresentam condições idealizadas, há um privilégio da emoção valorizando o individualismo, o sofrimento amoroso, a religiosidade cristã, a natureza e os temas do passado. Em 1831, Jean-Baptiste Debret

retornou à França alegando problemas de saúde. Sua volta ao território francês foi seguida pela publicação do livro intitulado *Viagem Pitoresca ao Brasil*. Neste, o autor tenta apresentar um panorama além do que era popularmente conhecido como exótico e interessante por causa da história natural. A iniciativa procurava criar uma obra histórica que desse conta da formação do povo e da nação brasileira, registrando suas peculiaridades e representando o passado do povo que aqui vivia. A obra completa foi publicada em Paris entre 1834 e 1839 e é composta de 153 pranchas dotadas de textos que elucidam cada retrato apresentado. **Jean-Baptiste Debret** cumpriu sua função em território do Brasil e deu origem a uma Academia de Artes e Ofícios que, com a Independência do Brasil, passou a ser chamada de Academia Imperial de Belas Artes. Foi um importante mestre para a pintura brasileira, lecionando na instituição que ajudou a criar até sua volta para a França. Seu trabalho influenciou também na Proclamação da República do Brasil, uma vez que a bandeira do Brasil teve como base para as cores e formas geométricas a obra de Debret. Já em idade avançada, faleceu em Paris no dia 28 de junho de 1848.

ⁱⁱⁱ Pensar as relações saber-poder em uma sociedade nos leva, certamente, a pensá-la a partir de Michel Foucault e suas reflexões sobre as relações de poder em que a sociedade está em permanentes embates e negociações. Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013.

HISTÓRIA DA PARAÍBA NOS LIVROS DIDÁTICOS: PASSADO E PRESENTE, MEMÓRIA E HISTÓRIA
DE SILVANO FIDELIS DE LIRA

^{iv} http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm.

^v Os municípios são Catolé do Rocha, São Bento, Cajazeirinhas, Coremas, São José de Princesa, Tavares, Várzea, Santa Luzia,

Cacimbas, Livramento, Dona Inês, Areia, Serra Redonda, Riachão do Bacamarte, Alagoa Grande, Gurinhém, Ingá, Conde e João Pessoa.